# Ray Cunha

# A GRANDE FARRA

Copyright Raimundo Pereira Cunha
Brasília/DF, 2021

Capa: Gian Lorenzo Bernini, detalhe de O Estupro de Prosérpina, 1621-1622

## Capítulo I

As manhãs eram quentes e as tardes sufocantes. Naquele jornal, feito de releases do Palácio Rio Negro, nunca havia muito o que fazer. O pessoal costumava ir ao Carmona, bebia algumas cervejas e voltava para o fechamento da edição. E retornava ao Carmona, quando não ia ao Conceição e de lá para o Orten, onde as lâmpadas roxas faziam qualquer um ficar bêbado naquela festa de música, murmúrios e risos. Às vezes, em algum lugar do salão, entre as vozes e sons, ouviam-se risadas estridentes, que se dissipavam na música.

Reinaldo procurou ver a mulher que rira assim, mas se perdeu entre as luzes. Provavelmente estaria sentada atrás das colunas, nos fundos. Martim se levantou e foi até uma mesa próximo de onde estavam, dirigindo-se a uma jovem loura recém-chegada. Ruy dançava com uma ruiva cinematográfica, que fora apanhá-lo à mesa. Reinaldo pôs-se a observar a ruiva. De vez em quando Ruy tentava beijá-la nos seios e ela fazia um delicioso jogo se esquivando. Depois ele tentou pegar naqueles seios fartos; ela emitia gritinhos e o impedia com seu jogo. Reinaldo riu daquilo. Eles se dirigiram à mesa. A ruiva o olhou com pena e lhe perguntou se queria conhecer sua colega. Sem esperar resposta, deu um assovio e uma jovem, de cabelos curtos, mas fartos, se aproximou e se sentou ao lado de Reinaldo. A ruiva puxara novamente Ruy para a pista de dança.

– Meu nome é Élen. E o seu?

– Reinaldo.

– Você trabalha em jornal?

– Trabalho.

Era ruim conversar quase aos gritos. Ela o beijou na boca. Depois despregou-se dele e ficou vendo o efeito. Riu e limpou o batom da boca de Reinaldo, com seus dedos ágeis, longos e perfumados. Ele recebeu outro beijo. "É como uma foda" – pensou. Nunca tinha sido beijado daquela maneira. Era como se uma mulher procurasse a melhor posição, aquela posição cômoda, a do encaixe perfeito, preparando-se para extrair o máximo de prazer. Seus lábios encaixavam-se nos deles como uma ventosa macia e morna. As mãos o procuravam, detinham-se nos botões da camisa, pousavam na nuca, examinavam seus cabelos. Dentro da boca de Reinaldo sua língua passeava sem sobressaltos e se deteve na falha que ele tinha nos dentes de cima, e ficou lá, naquela falha. Durou uma eternidade o beijo, e quanto mais durava mais aquilo ia ficando morno e macio.

– Eu já o vi antes – disse Élen, interrompendo bruscamente o beijo.

– Já?

– Já. No Teatro amazonas.

– Vou muito lá. Escrevo sobre as peças.

– Sou atriz.

Olhou para ela e se recordou, aos poucos. Élen Corrêa.

– Fui eu quem escreveu aquilo... – disse-lhe, constrangido.

– Eu sei.

Ela havia trabalhado em uma peça que Reinaldo arrasara em artigo. Fizera-o com razão, mas sempre embaraçara-o fazer crítica negativa.

– Vamos beber um pouco? – propôs-lhe.

– Eu não me importei – disse Élen. – O Pragoso não tem mesmo talento.

Pragoso era o autor da peça. Sempre que Reinaldo se lembrava dele sentia náusea. Sofria de hemorroida crônica e usava uma almofada na bunda, por dentro da calça. Reinaldo não sabia por que associava hemorroida ao rosto bexiguento e gordo do farsante.

Houve um momento de silêncio entre ambos. Ouviam a música estridente e a ruidosa alegria que pairava no Orten. Reinaldo se voltou para Élen e se pôs a estudá-la. Olhando-a, chamava-lhe a atenção de imediato os olhos. Eram castanhos, quase verdes. Às vezes, lançavam chispas amarelas que faziam-na lembrar um gato. Depois se deteve na sua boca. A sensação que transmitia, examinada de frente, era sempre de uma escultura. Os lábios pareciam cinzelados. Emitiam a sensação de que se fôssemos pegar neles pegaríamos em mármore. O contraste era tremendo quando os beijávamos. Os cabelos curtos pareciam um fogo em torno da cabeça. Era uma polegada mais alta do que Reinaldo e lhe lembrava as sereias da Praça da República, em Belém.

Ela se voltou para ele. Podia-lhe ver as chispas amarelas, não como uma espreita, mas como em um sonho. Pôs sua mão sobre a dele, na mesa.

Era grande e delicada ao mesmo tempo, e quente. “Vamos subir?” – ele perguntou-lhe com o olhar. Ela se levantou e subiram.

Reinaldo acordou no meio da madrugada. Élen dormia profundamente. Ficou quieto, esperando novamente dormir. No escuro, via as coisas no quarto como se tudo estivesse em molho pardo. Achou esquisita a comparação. Mas era assim mesmo. Talvez por causa da claridade difusa que vinha do poste em frente à janela. Sentiu sede e se levantou em busca de água. Havia água na geladeira. Depois foi à janela. A Betânia serpeava até se unir ao Morro da Liberdade, e além, as luzes de Santa Luzia se uniam a Educandos. Lembrou-se da primeira vez que vira a cidade. Manaus emergia da noite, com suas luzes avançando no rio Negro, mergulhando e se afogando além. Era madrugada. De madrugada, as luzes emitem estranhos efeitos, como se imergíssemos de olhos abertos, demoradamente, em uma piscina com excesso de cloro, e depois tivéssemos que olhar fixo para uma lâmpada, em uma tortuosa ruazinha de subúrbio. Depois, as luzes se desintegram na noite, até fazer-se manhã. Em conversa a bordo, tivera a informação de que poderia ir de catraia para a casa de sua avó. E foi o que fez. A casa de sua avó era um prédio de dois andares, em estilo colonial, que se erguia ao pé da ponte de Educandos, no lado que dá para o centro da cidade. Começou a chamá-la, depois, de Céu de Constantino, em razão da vista que tinha, da janela do seu quarto, de Constantinópolis, que é o mesmo bairro de Educandos.

Enquanto acionava a campainha, um cão preparou-se para mijar em uma de suas malas, pousadas no chão, perto dele. Botou-o para correr e se voltou para a porta. Quando a criada a abriu e ele apanhou as malas observou que o cão demarcara as duas.

Cruzou o átrio, mobiliado com duas amplas e confortáveis poltronas, e se deteve na sala, envolvida em penumbra, agradável na sua antiguidade e no seu silêncio. Aos poucos foi divisando o que havia ali: telas. Eram cenários outonais, sob o qual caminhavam criaturas apressadas.

– São óleos de Hanema Bacelar – ouviu, às suas costas.

A voz era equilibradamente tateante e segura, e agradável; severa e musical simultaneamente. A semelhança de sua avó com seu pai era tremenda. O que mais lhe chamava a atenção e o atraía, nele, era o rosto e seu olhar. O rosto era ensolarado e bem raspado, com o bigode sempre cheiroso da colônia de pinho que usava. Tinha o queixo quadrado e os lábios encerravam retidão e bondade. Os olhos não tinham nada de especial, mas o olhar sim – revelava paixões saciadas e tinha uma intensidade desconcertante. Emitia a ternura do macho e também alguma coisa que só os fortes têm no olhar – condescendência com os mais fracos.

Sua avó não tinha nada das coisas cuja natureza é a dos homens. A semelhança com seu pai era física, mas, nela, o que era másculo no seu pai se tornava puramente feminino. Teria 70 anos, mas

sabíamos de pronto que fora muito bela. Emanava, além disso, uma beleza interior no apogeu.

– A bênção!

– Deus o abençoe! – abraçou-o, pegou-o pela mão. – Vem, vamos tomar um grande café!

Seguiu-a. A cozinha era ampla e bem iluminada, e cheirava a café e a pão. Lembrou-o as padarias de manhã cedo. Um grande gato felpudo foi se esfregar em Reinaldo, que se pôs alisando-o com grande prazer para ambos. Dona Isabel cortou um bom pedaço de um queijo cuia e o pôs em um pão francês bem dourado, servindo o sanduíche com uma bela xícara de café com leite quente. Pôs também, sobre a mesa, um bolo muito bom para ser visto, com aspecto saboroso.

– Vou procurar trabalho ainda hoje, vovó – disse Reinaldo.

– Filho, ficas à vontade, mas quero que tu saibas que não precisas te preocupar com nada.

Dizia as coisas em um tom que o fazia se sentir dono daquela casa.

– Quero ver se arranjo emprego em um jornal. Pretendo me tornar escritor, vovó, e nada como um jornal para a gente treinar.

– Hemingway! – ela disse. Riram.

Ele notou, enquanto conversavam, que vovó Isabel procurava nele traços de seu irmão.

– Um amigo meu, lá no Rio, conhece o editor de um jornal aqui. São muito amigos, de modo que já está tudo arranjado.

– Mas não seria melhor tu te dedicares só à literatura, ao invés de perder tempo com jornalismo?

Depois a conversa entrou para o âmbito da família, até que esgotaram todas as notícias e mataram as curiosidades mais urgentes. Então Rainaldo subiu para seu quarto. Dava para leste, para o igarapé de Educandos. Era amplo. O banheiro ficava no outro lado do patamar. Só ele ficaria ali em cima, já que sua avó e a criada ocupavam cômodos no térreo.

As maletas estavam sobre a grande cama de casal, limpas da urina do cachorro. Abriu-as e se pôs a arrumar a roupa. Depois tomou banho, observando, da janelinha do banheiro, o movimento no igarapé. De volta ao quarto sentiu aquele sono que sentimos quando a barriga está cheia, após uma viagem exaustiva e um bom banho. Sentou-se na cama antegozando o sono e examinou o quarto. Tinha o teto alto e branco e paredes amarelas. O chão era bem lustrado e na parte mais recuada havia uma escrivaninha e uma máquina de datilografia sobre uma mesinha ao lado. Em outra mesa, quadrada e alta, havia um toca-discos bem sofisticado, e, sobre uma pequena geladeira, havia um lindo jarro de porcelana com rosas vermelhas e uma cesta com frutas. Levantou-se e abriu a geladeira: água, guloseimas e uma garrafa de Mateus Rosé. Bebeu um pouco de água e voltou para a cama. À tarde, almoçou na companhia da avó e saiu. Apanhou um táxi e pediu ao motorista que o levasse ao jornal.

À noite, Constantinópolis cintilou na outra extremidade da ponte. Apanhou a garrafa de Mateus Rosé na geladeira e enquanto se despia bebia pequenos goles do excelente vinho. Foi para o

banheiro com a garrafa na mão e tomou banho, bebendo, de vez em quando, um gole, a mirar e a ouvir o igarapé e os rumores que de lá vinham. Quando retornou ao quarto estacou na porta. Sobre a cama, de costas para ele, estava a criada. Estava nua. Apenas o lençol, recém-desdobrado e muito alvo sob a luz fluorescente, a cobria aqui e ali. Era uma modelo renascentista, alva, confundindo-se com o lençol imaculado, os cabelos negros espalhando-se pela cama.

Da janela, vendo a cidade, tudo lhe vinha à lembrança, com a nitidez das coisas recentes e intensas.

Quase de manhã policiais espancaram alguém. Depois surgiu um padeiro e, atrás dele, Manaus, fresca, na claridade da manhã.

Reinaldo foi ao banheiro. A água estava fria e lhe fazia bem. Olhou pela porta a ver se Élen havia acordado com o barulho. Sim, havia.

– Vem! Convidou-a. – Está uma delícia!

Passou algum tempo. Ela apareceu na porta, colocou a ponta do pé no chão do banheiro, entrou e se descobriu.

Reinaldo fez o desjejum no Jesus, um bar que ficava em frente ao Carmona. Gostava da esfirra de verdura de lá. Quando chegou à redação a estagiária usava sua máquina de escrever. Apanhou a coleção de jornais. Fernanda o viu e foi lhe perguntar se ele estaria precisando da máquina. Ele respondeu que não e voltou à leitura do jornal. Mais tarde, quando começou a trabalhar, a estagiária entrou na redação e ocupou uma mesa quase à frente da sua. Parou um